Public Disclosure Authorized

Public Disclosure Authorized

Public Disclosure Authorized

Destaques do exercício financeiro de 2005

Tabela 1 Garantias emitidas

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	FY90–05
Número de garantias emitidas	53	66	59	59	55	62	773
Número de projetos apoiados	37	46	33	37	35	33	486
Montante de nova emissão, Bruto (US$ B)	1,6	2,0	1,2	1,4	1,1	1,2	14,0
Montante de nova emissão, Total (US$ B)[1]	1,9	2,2	1,4	1,4	1,1	1,2	14,7
Exposição bruta (US$ B)[2]	4,4	5,2	5,3	5,1	5,2	5,1	–
Exposição líquida (US$ B)[2]	2,8	3,2	3,2	3,2	3,3	3,1	–

[1] *Inclui quantias impulsionadas por meio do Programa de Subscrição de Cooperativa (CUP).*
[2] *Exposição bruta é a máxima acumulação de risco menos o resseguro.*

Figura 1 Prêmio auferido, rendimentos de taxas e investimentos, US$ milhão

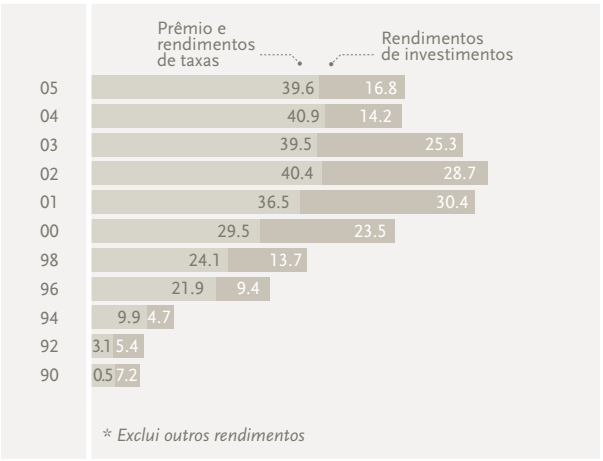
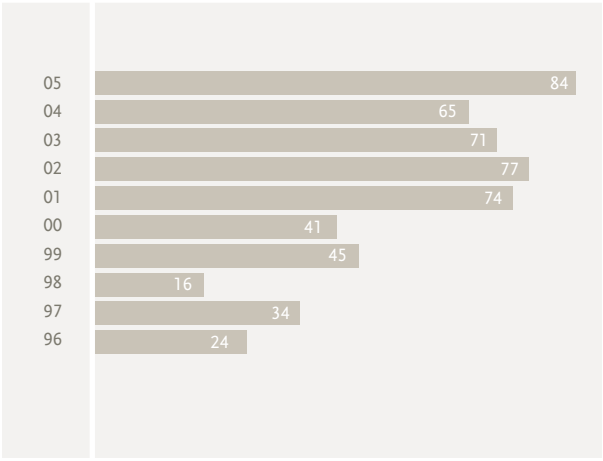


Figura 2 Atividades de Assistência Técnica, número



1. Membros

No exercício financeiro de 2005, as Maldivas passaram a fazer parte da MIGA, elevando o número de países membros para 165.

Nota: Todas as quantias em dólar usadas neste Relatório Anual são dólares dos EUA, salvo especificação em contrário

Garantia para as Quatro Áreas Prioritárias da MIGA[1]

- 20 projetos em mercados de transição
- 12 projetos em países afetados por conflito
- 7 projetos de infra-estrutura
- 4 investimentos Sul-Sul[2]

Destaques

- 20 projetos de garantia e 20 projetos de assistência técnica a países elegíveis à AID[3]
- Oito novos projetos de garantia e 11 projetos de assistência técnica a países da África Subsaariana
- Primeira cobertura de garantia para investidores do Líbano e Índia
- Seis novos países anfitriões: Belarus, Burkina Fasso, República Democrática do Congo, República Popular Democrática do Lao, Letônia e Tailândia
- Apoiou três projetos de gestão de lixo, o primeiro envolvimento da agência nesse subsetor
- Lançou mecanismo de garantia de investimentos para o Afeganistão em parceria com a República Islâmica do Afeganistão, Banco de Desenvolvimento da Ásia, governo do Reino Unido e AID
- 84 atividades de assistência técnica conduzidas em 33 países, juntamente com várias iniciativas regionais e mundiais
- Parceria de fundo fiduciário no valor de €4,5 milhões com a Agência Européia de Reconstrução para custear atividades de assistência técnica nos Bálcãs
- Lançou Programas de referência empresarial no Afeganistão, África, Bálcãs e China

Parcerias

- Resseguro facultativo fornecido à MIGA por outras seguradoras: US$ 353 milhões para 11 projetos; e pela MIGA: US$ 3,6 milhões para um projeto
- Programa de Subscrição Cooperativa: US$ 6,8 milhões colocados no mercado
- Por intermédio do Programa de Extensão do Investidor Europeu, em parceria com os intermediários na promoção dos investimentos nos Bálcãs Ocidentais e com parceiros de desenvolvimento dos países interessados em investir na região

Cooperação do Grupo do Banco Mundial

- Trabalhou com o programa de garantias do Banco Mundial no projeto do Gasoduto da África Ocidental (Gana), projeto de securitização de hipotecas (Letônia), bem como no Umeme (Uganda) e projetos de energia elétrica Nam Theun 2 (RDP do Laos/Tailândia)
- Coordenou com o Serviço de Assessoria sobre Investimento Estrangeiro (FIAS) na Etiópia, Fiji, Azerbaidjão, Tadjiquistão, China, Peru e Bangladesh e globalmente em uma série de estudos de caso sobre promoção de investimentos.
- Trabalhou com o Banco Mundial na promoção de oportunidades de negócios para o setor privado no Afeganistão e no Projeto do Portal de Gâmbia
- Conduziu trabalho em conjunto com a Corporação Financeira Internacional (IFC) sobre projetos de assistência técnica no Panamá e Marrocos
- Participou de vários fóruns do Banco Mundial, inclusive o Fórum de Desenvolvimento do Setor Privado para a América Latina, Fórum Anual do Conhecimento para a Europa e Ásia Central e participou da organização do Fórum da África realizado na África do Sul

Pedidos de indenização e Mediação

- Dois pedidos de indenização, totalizando US$ 1,54 milhão, pagos a investidores por prejuízos na Argentina e no Nepal

[1] *Alguns projetos tratam de mais de uma área prioritária.*
[2] *Investimentos de um país em desenvolvimento feitos em outro país em desenvolvimento.*
[3] *A Associação Internacional de Desenvolvimento (AID), um membro do Grupo do Banco Mundial, ajuda os países mais pobres do mundo a reduzir a pobreza fornecendo "créditos" —que são empréstimos a juros zero— e doações.*

Carta do Presidente ao Conselho de Governadores

Este Relatório Anual registra as conquistas da Agência Multilateral de Garantia de Investimentos durante o último ano de mandato de meu ilustre antecessor, Jim Wolfensohn. É uma enorme responsabilidade receber a tarefa de liderar esta extraordinária instituição. Agradeço a Jim pelo muito que fez para fortalecê-la durante a última década.

Apesar dos muitos êxitos desta instituição e de seus parceiros no desenvolvimento, ainda há muito a fazer. A Cúpula do G-8 realizada em Gleneagles no início deste exercício financeiro lançou um foco de otimismo sobre os desafios de desenvolvimento global, especialmente na África. Reafirmou também o papel central do Banco Mundial em grande parte do trabalho, além de nos confiar mais tarefas ainda.

À medida que avançamos, precisamos manter um equilíbrio entre as diferentes prioridades do desenvolvimento. A primeira delas é dispensar atenção especial às necessidades das pessoas de mais baixa renda dos países mais pobres do mundo. Ao mesmo tempo, o Banco Mundial ainda tem uma importante função a exercer nos países em desenvolvimento que estão em rápido crescimento, os chamados países de "renda média" onde, apesar de tudo, ainda vivem centenas de milhões de pessoas em situação de extrema pobreza. Finalmente, na condição de instituição multilateral de desenvolvimento, o Banco Mundial está em posição privilegiada para ajudar o mundo a tratar de algumas preocupações do "patrimônio natural da humanidade", como o desenvolvimento da energia sustentável e o alívio das crises mundiais de saúde.

Da sua parte, a garantia de investimentos, os serviços de mediação de controvérsias e a assistência técnica da MIGA produziram excelentes resultados neste exercício financeiro. A agência concedeu 62 garantias, num total de US$ 1,2 bilhão para 33 novos projetos.

Em todo esse trabalho, o Banco Mundial tem a sorte de poder contar com uma equipe excepcionalmente dedicada e profissional. É uma honra e um privilégio trabalhar com eles no dia a dia.

Paul D. Wolfowitz
30 de junho de 2005

Destaques das Atividades da Diretoria

Um Conselho de Governadores e uma Diretoria, representando 165 países membros, orientam os programas e atividades da Agência Multilateral de Garantia de Investimentos. Cada país indica um governador e um suplente. O Conselho de Governadores é investido de todos os poderes corporativos da MIGA. O Conselho, por sua vez, delega a maior parte de seus poderes a uma diretoria composta por 24 membros. O direito de voto é ponderado de acordo com o capital acionário que cada diretor representa. Os diretores reúnem-se regularmente na sede do Grupo do Banco Mundial em Washington, D.C., onde analisam e decidem sobre os projetos de investimento e supervisionam as políticas gerais de gestão.

Os diretores também servem em uma ou mais comissões permanentes, que ajudam a Diretoria a desempenhar suas responsabilidades de supervisão por meio de exames aprofundados de políticas e procedimentos. A Comissão de Auditoria assessora a Diretoria em gestão financeira e outras questões de governança para facilitar as decisões da Diretoria sobre questões de política financeira e controle. A Comissão de Orçamento analisa aspectos de processos de negócios, políticas administrativas, padrões e questões de orçamento que tenham impacto significativo sobre a eficácia em termos de custo das operações do Grupo do Banco Mundial. A Comissão de Eficácia do Desenvolvimento assessora a Diretoria na avaliação das operações e eficácia do desenvolvimento com o objetivo de monitorar o progresso do cumprimento da missão de redução da pobreza da MIGA. A Comissão de Pessoal assessora a Diretoria em remuneração e outras questões importantes da política de pessoal. Além disso, os diretores trabalham na Comissão de Governança e Assuntos Administrativos dos Diretores Executivos.

No exercício financeiro de 2005, a Diretoria da MIGA analisou e contribuiu com garantias de investimento para 37 projetos. A Diretoria também supervisionou e analisou o processo orçamentário e de planejamento da MIGA para o próximo exercício financeiro. A Diretoria aprovou o documento da estratégia da MIGA para o exercício financeiro 2005-2008 (ver mensagem do Vice-Presidente Executivo) e, em colaboração com o Conselho de Governadores, endossou uma análise dos cinco anos das atividades da agência durante o exercício financeiro 2000–2004. Uma nova metodologia de provisionamento para a agência também recebeu a aprovação da Diretoria. Ademais, durante as Reuniões Anuais de 2004 o Conselho de Governadores aprovou um mecanismo para a obtenção da paridade de votos entre os países da Categoria 1 e Categoria 2. Finalmente, a Diretoria analisou a Revisão da Eficácia do Desenvolvimento de 2004 na MIGA e aprovou o Relatório Anual de 2005, ambos preparados pela Unidade de Avaliação de Operações, que avalia de forma independente as atividades da MIGA.

Diretoria Executiva da MIGA em 30 de junho de2005

De pé, da esquerda para a direita: Robert Holland, Herwidayatmo, Pietro Veglio, Eckhard Deutscher, Mathias Sinamenye, Thomas John Austin, Tom Scholar, Chander Mohan Vasudev, Thorsteinn Ingolfsson, Sid Ahmed Dib, Yahya A. M. Alyahya, Nuno Mota Pinto*, Otaviano Canuto, Pierre Duquesne, Paulo Fernando Gomes, Gino Pierre Alzetta, Gobind Ganga*, Alexey G. Kvasov, Luis Marti*
Sentados, da esquerda para a direita: Mahdy Ismail Aljazzaf, Jiayi Zou, Jaime Quijandria, Yoshio Okubo, Adrianus P.W. Melkert
Absent: Biagio Bossone, Marcel Massé
** Suplente*

Mensagem da Vice-Presidente Executiva

O exercício financeiro de 2005 foi um ano importante, tanto em termos de montante de investimento estrangeiro direto para ajudar o mundo em desenvolvimento quanto para a MIGA, com relação ao seu papel na redução de riscos para assegurar o máximo de valor agregado para os investidores estrangeiros, bem como para os países anfitriões.

O exercício financeiro também foi importante para a MIGA, que implementou mudanças internas significativas destinadas a fortalecer o impacto da agência no desenvolvimento e o valor agregado para seus acionistas e clientes. A agência está passando por significativa transição, com o lançamento de um novo modelo de negócios e uma estratégia operacional revisada.

O novo modelo de negócios da MIGA está focado no papel exclusivo da agência como atenuador de risco multilateral, aproveitando sua estrutura de governança para apoiar os investimentos que têm o maior impacto sobre o desenvolvimento e complementar as atividades de outros. Isso significa um foco em áreas que as entidades públicas e privadas não podem atender também, tais como mercados de maior risco e outras áreas em que a MIGA possui exclusiva vantagem comparativa.

O modelo de negócios consiste em três elementos principais que se reforçam entre si para formar uma estratégia integrada: marketing proativo e produtos complementares; um amplo contexto de gestão de risco; e maior colaboração com o Grupo do Banco Mundial.

Realmente, nossa cooperação mais estreita com o Grupo do Banco Mundial está produzindo bons resultados, conforme demonstra nosso trabalho conjunto em vários projetos de destaque ao longo do ano passado. Esperamos que este seja apenas o início de uma abordagem de desenvolvimento mais integrada, para tornar-se uma característica ainda mais marcante de nossa maneira de fazer negócios.

Como parte da mudança para um novo foco nos negócios, reunimos também nossas unidades operacionais —garantias e assistência técnica— sob o comando de um único diretor em um novo Departamento de Operações. A mudança é um reconhecimento de que o tratamento dos desafios de atrair e reter FDI exige mais do que apenas seguro contra riscos políticos. Requer que a MIGA proporcione aos países clientes um pacote integrado de produtos para tratar do risco e de fatores a ele relacionados que afetam o investimento.

Juntamente com essa reestruturação, ocorreu uma estratégia operacional revisada que contribui para nossa característica mais forte no mercado —atrair investidores e seguradoras privados para ambientes operacionais difíceis. A nova estratégia enfoca áreas específicas onde podemos fazer a maior diferença.

- O desenvolvimento de infra-estrutura é uma importante prioridade para a MIGA, devido à necessidade estimada de US$ 230 bilhões por ano, somente em novos investimentos, para lidar com os centros urbanos em rápido crescimento e as populações rurais carentes dos países em desenvolvimento.
- Mercados em transição —países e mercados de alto risco e/ou baixa renda— representam ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade para a agência. Esses mercados são os que em geral têm a maior necessidade e são mais beneficiados com o investimento estrangeiro, mas não são bem atendidos pelo mercado privado.

- **Investimento em países afetados pelo conflito** é outra prioridade operacional para a agência. Embora esses países tenham a tendência de atrair uma boa vontade considerável dos doadores quando

o conflito termina, os fluxos de ajuda acabam por diminuir, tornando o investimento privado fundamental para a reconstrução e crescimento. Com muitos investidores receosos de riscos potenciais, o seguro contra o risco político torna-se essencial para o avanço dos investimentos.

- **Investimentos Sul-Sul** (investimentos entre países em desenvolvimento) estão contribuindo com uma proporção maior de fluxos de FDI. Mas o mercado de seguros privados nesses países não é suficientemente desenvolvido, ou as agências de crédito nacionais para exportação não têm habilidade nem capacidade para oferecer seguro contra o risco político.

A MIGA oferece vantagens comparativas em todas estas áreas —desde seu pacote exclusivo de produtos e sua capacidade de recuperar a confiança da comunidade de negócios, até sua colaboração contínua com o mercado de seguros, público e privado, para aumentar o montante de seguros disponível para a comunidade de negócios.

Todas essas mudanças constituíram os resultados operacionais do exercício financeiro de 2005 da MIGA. Ao longo do ano, o montante de garantias emitidas alcançou US$ 1,2 bilhão —representando o primeiro, embora modesto, aumento em garantias totalmente novas desde o exercício financeiro de 2001. Até o final do exercício financeiro, cinco cartas de compromisso estavam em mora, totalizando mais US$ 123,3 milhões em garantias. Muitos dos contratos enfocam nossas áreas prioritárias: 20 são para projetos em mercados em transição, quatro apóiam os investimento Sul-Sul, 12 são para projetos em países afetados pelo conflito e sete apóiam investimentos em infra-estrutura.

O trabalho da MIGA na área de assistência técnica também acumulou bons resultados. Durante o ano, realizamos 84 atividades de assistência técnica em 33 países, junto com várias iniciativas regionais e mundiais, inclusive os Programas de Referência Empresarial na África, Afeganistão, Bálcãs e China. A assistência técnica da MIGA complementa o trabalho do Banco Mundial e da IFC, com os quais colabora em diversas frentes, inclusive estudos de caso sobre promoção de investimentos conjuntos e a promoção de oportunidades de negócio do setor privado no Afeganistão e Gâmbia.

No aspecto da mediação, completamos a revisão e solução de 49 pedidos de indenização originados pelas ações de expropriação do governo de Mengistu, Etiópia, há mais de 30 anos. A solução de muitas dessas antigas solicitações de investimento estrangeiro devem estimular o fluxo de investimentos adicionais na Etiópia. A MIGA tratou também de mais de doze controvérsias sobre investimento envolvendo clientes durante o exercício financeiro e pagou duas solicitações.

No exercício financeiro de 2005 a MIGA também realizou uma análise de cinco anos de suas atividades, que foi aceita pela Diretoria e encaminhada ao Conselho de Governadores da agência para sua aprovação.

Com relação ao futuro, estou animada com as perspectivas para o próximo exercício financeiro. Algumas das novas iniciativas que estamos preparando —tais como um mecanismo de garantia pós-conflito para a África e o nosso Programa de Pequenos Investimentos— possuem um imenso potencial para a obtenção de investimentos críticos para mercados não tradicionais.

Finalmente, gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer à Diretoria por sua assistência contínua ao desenvolvimento de nossa estratégia no último ano. Gostaria também de expressar minha gratidão ao Presidente anterior do Grupo do Banco Mundial, James Wolfensohn, por sua liderança e sua visão como chefe da MIGA durante o ano e dar as boas-vindas a seu sucessor, Presidente Paul Wolfowitz.

Yukiko Omura
30 de junho de 2005

Dirigentes e gerentes da MIGA

Moina Varkie
Diretora de
Ajuda Externa e
Parcerias

Luis Dodero
Assessor Jurídico Geral
E Vice-Presidente
Assuntos Jurídicos
e Solicitações

Frank Lysy
Economista-Chefe e
Diretor de
Economia e Política

Amédée Prouvost
Diretor e
Executivo Sénior
de Finanças

Yukiko Omura
Vice-Presidente Executivo

Marcus Williams
Consultor de
Estratégia e Operações

Tessie San Martin
Diretora de
Operações

W. Paatii Ofosu-Amaah
Vice-Presidente e
Secretário Corporativo

Aysegul Akin-Karasapan
Diretora da Unidade de
Avaliação de Operações

A MIGA em mercados em transição

Levar novos investimentos a um país caracterizado por baixa renda e alto risco é um desafio. É compreensível que os investidores privados, voltados para os resultados finais, relutem em investir em nações onde a infra-estrutura é questionável, ou não existe, onde as leis que regem os contratos e a posse de terra não são claras e onde transações financeiras relativamente simples, como a obtenção de uma linha de crédito comercial expresso localmente, podem ser penosas. E para países que saem do conflito, a adoção de pequenos passos na direção de uma energia empresarial renovada e de investimento pode ser assoberbante.

Mas há histórias de sucesso que atestam o valor da causa. Moçambique, por exemplo, que atraiu US$337 milhões em FDI em 2003, experimentou uma redução de 16% da pobreza geral desde o final do conflito, em 1997, impulsionada, em grande parte, pelo sólido investimento estrangeiro na fundição de alumínio de Mozal. O êxito do projeto, por sua vez, estimulou outras entidades a investirem em um país pobre que ainda se recuperava de uma devastadora guerra civil, o que proporcionou a perspectiva mais positiva de hoje em dia.

O caso do investimento estrangeiro no mundo em desenvolvimento

Um novo consenso está surgindo entre os pensadores e líderes nos diversos ângulos do espectro do desenvolvimento de que é fundamental atrair investimento privado novo e sustentável para melhorar a qualidade de vida de todos os cidadãos das nações emergentes —inclusive os mais pobres. Eles estabeleceram um complexo vínculo entre o crescimento econômico e a redução da pobreza e entre o aumento do investimento estrangeiro direto e a melhoria das economias locais.

Além da ajuda de doadores e investimento no setor público, o setor privado pode desempenhar um papel fundamental na redução da pobreza, por exemplo, construindo estradas, fornecendo água limpa e eletricidade e, acima de tudo, proporcionando empregos. Assumindo essas tarefas, o setor privado pode ajudar as economias a crescer e, ao mesmo tempo, permitir que os governos usem os fundos para tratar de necessidades sociais agudas.

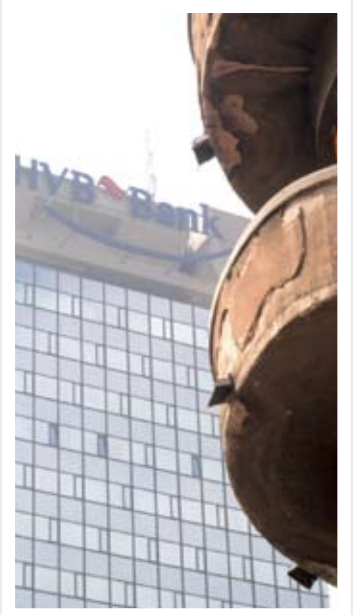
Os fluxos de FDI para o mundo em desenvolvimento alcançaram US$ 165 bilhões em 2004, quase US$ 13 bilhões a mais do que o ano anterior. Embora a notícia seja boa, se examinarmos melhor os números, veremos que do grande grupo de nações em desenvolvimento, os benefícios estão concentrados em apenas alguns. Nações mais estáveis, ou regiões de nações, tais como o corredor industrial costeiro da China, estão ficando com a maior parte do FDI, enquanto outros estão sendo vistos com pouco interesse. Vale a pena observar, contudo, que apesar da concentração da FDI em alguns países, o investimento que é feito em outros países em desenvolvimento gera benefícios significativos, se vistos a partir da ótica da razão FDI-PIB.

Países em transição podem beneficiar-se mais

Os países em transição são definidos como países de alto risco e/ou baixa renda. Esses são os mercados de maior necessidade e que podem beneficiar-se mais com o investimento estrangeiro, mas são também os mercados dos quais a maioria dos investidores estão receosos e que, portanto, atraem poucos negócios estrangeiros. Existem também mercados nos quais outras seguradoras de investimento raramente estão preparadas para entrar.

Os países em transição, ou às vezes regiões de países, são muitas vezes mal atendidos por empresas que estão apenas começando a entender as oportunidades de negócio no mundo em desenvolvimento, bem como as formas de atenuar os riscos percebidos. Esses mercados estão geralmente em países de baixa renda, onde os riscos de fazer negócios são considerados altos e onde há falta de informações prontamente disponíveis sobre as oportunidades de investimento que existem. Um subconjunto das nações em transição é formado por aquelas nações que emergem de uma guerra ou conflito e que, para os investidores influenciados por anos de notícias negativas geradas pelo conflito, podem ser consideradas como de risco adicional.

Aí está o papel da MIGA. Graças a seu programa de garantia de investimentos, a MIGA está em posição privilegiada para facilitar o forte impacto que o setor privado pode causar no desenvolvimento, bem como o forte caso de negócios para lucros nos resultados finais. Essa combinação de impacto do desenvolvimento e oportunidade de negócios é considerada atualmente a melhor oportunidade de melhorias de longo prazo na qualidade de vida dos bilhões de pessoas que hoje vivem na pobreza.



A MIGA nos mercados de transição

O papel da MIGA é complexo e reflete a difícil tarefa de melhorar as perspectivas econômicas dos países pobres e aumentar a receita das pessoas de baixa renda. A disponibilidade de garantia de riscos políticos da MIGA é geralmente o fator determinante da decisão de um investidor privado de continuar ou não com um projeto-chave. A assistência técnica da MIGA e a disseminação de informação sobre investimentos para as empresas privadas, bem como funcionários do governo, ajuda a aumentar as possibilidades de que os projetos tragam retornos positivos —tanto para a empresa quanto para a comunidade local.

A MIGA focaliza projetos e atividades que contribuam para a estratégia geral do Grupo do Banco Mundial. Isso significa trabalhar com o Banco Mundial, investidores e governos anfitriões na identificação de projetos e programas que se ajustem ao contexto de estratégias de assistência a países e estratégias regionais do Banco Mundial. Significa também enfocar países que tenham forte compromisso com a melhoria do clima de investimento, um fator crítico no processo de seleção do local.

Aumentando a atração dos mercados em transição

O foco externo da MIGA também traz para a mesa do desenvolvimento um entendimento do que os investidores privados estão procurando quando buscam novos locais para a expansão de seus negócios. As empresas querem nações que ofereçam um bom contexto institucional —com estabilidade política e macroeconômica, um ambiente jurídico e normativo transparente e não-discriminatório, procedimentos e processos institucionais que não sejam burocráticos.

Buscam também um local que ofereça uma oportunidade de negócios viável —contexto econômico e social forte, mercado amplo que continue a crescer, sistema de comunicações eficiente, força de trabalho qualificada, fornecedores locais eficientes e boas políticas de incentivos. As nações em transição podem carecer de alguns ou todos esses atributos.

Acima de tudo, os investidores muitas vezes nem conhecem as oportunidades de investimento em países em desenvolvimento, quanto mais as consideradas "avançadas".

[4] *A MIGA usa a definição da IFC para países em transição: Países de alto risco são aqueles com uma Classificação de crédito do país do investidor institucional igual ou inferior a 30. Países de baixa renda são classificados pelo Banco Mundial de acordo com a renda nacional bruta per capita, usando-se o método do Atlas do Banco Mundial.*

Devolver a confiança aos investidores por meio de garantia contra riscos políticos

A garantia de riscos políticos da MIGA é a essência das ofertas de produtos da agência. As garantias para investidores e financiadores cobrem os riscos de expropriação, quebra de contrato, restrição à transferência de moeda e guerra e distúrbios civis. As garantias da MIGA impulsionam a confiança do investidor e podem produzir redução nos custos do empréstimo, reduzindo, em última análise, o custo total do projeto. A MIGA, por intermédio de sua cobertura de expropriação, também atenua o risco sub-nacional, um grande obstáculo que impede o aumento do investimento privado no crítico setor de infra-estrutura.

No exercício financeiro de 2005, a MIGA forneceu garantias para 20 projetos em 11 países em transição.

Adaptando medidas para países que se recuperam da guerra

Somente a assistência de doadores não é suficiente para reconstruir países no final da guerra. O setor privado é fundamental na criação de uma nova base para o crescimento sustentável, desde a reconstrução da infra-estrutura necessária para que a produção seja restabelecida, até a criação de empregos. Os esforços da MIGA associam garantias para atenuar os reais riscos políticos que o setor privado enfrenta quando investe nessas nações, com assistência técnica para orientar autoridades governamentais sobre como informar os investidores sobre oportunidades de investimento e como criar um clima atraente para o investimento. Essas soluções personalizadas estão sendo desenvolvidas em colaboração com outros membros do Grupo do Banco Mundial para tratar das necessidades específicas dos países em situação de estresse. Por exemplo: atualmente, a agência acredita que o desenvolvimento de instalações industriais seja uma solução disponível para aqueles países afetados pelo conflito cujos ambientes de política e segurança são muito instáveis.

Dois casos em particular ilustram o efeito abrangente, de longo alcance, que a MIGA pode ter com relação a ajudar países em transição afetados pelo conflito a se reerguerem: O apoio da MIGA a investimentos na Bósnia-Herzegovina e Moçambique.

Bósnia: de "dinheiro no colchão" para hipotecas, um caso de sucesso do setor bancário

O setor bancário é a essência da saúde de uma nação. Além da infra-estrutura física, uma das primeiras coisas que a equipe encarregada de escolher o local para as instalações de uma empresa considera ao avaliar as opções é a situação financeira do país. E as empresas em busca de um bom local não querem investir em um lugar onde a rotina bancária seja complicada.

No final da guerra, em 1955, poucos bancos operavam na Bósnia. Aqueles que o faziam —em sua maioria pequenas empresas locais— estabeleciam taxas de juros muito elevadas, tornando quase impossível para o cidadão comum obter um empréstimo. Além disso, com a exigência de diversos avalistas para assinar os empréstimos, muitas pessoas descartavam o processo. A dificuldade na obtenção de empréstimos e o alto custo do crédito também desestimulavam muitos candidatos a donos de negócios, piorando os infortúnios econômicos do pós-guerra.

A má gestão de bancos era tão comum quanto o roubo aberto por parte de funcionários corruptos. Outros, deparavam-se com imensas dívidas relacionadas com a guerra e iam à falência, levando consigo economias que as pessoas haviam acumulado durante toda a vida. Muitos cidadãos não acreditavam na segurança das instituições, preferindo guardar seu dinheiro embaixo do colchão e em outros antigos repositórios das finanças domésticas. Nos anos que se seguiram à Guerra, começou a surgir um grande número de bancos novos, com o mínimo de exigências para capitalização e de regulamentações para mantê-los sob controle. O setor bancário —a mola mestra do bom funcionamento da economia— estava em crise.

Hoje, o setor está transformado. Um fluxo de atividades por parte de bancos estrangeiros, adquirindo bancos locais ou abrindo novos, trouxe vitalidade e vantagem competitiva para a indústria moribunda, impulsionando uma ampla diversidade de novas atividades econômicas e de consumo.

"A transformação do setor bancário foi notável. Quase já não me lembro da situação de 1997. Havia quatro moedas em uso, 76 bancos, nenhum deles nacional, e três sistemas bancários que não estavam sendo usados pelos cidadãos", diz Peter Nicholl, ex-Governador do Banco Central.

A mudança radical do cenário bancário é, em parte, resultado da abertura de um novo Banco Central em 1997, imposta pelo Acordo de Paz de Deaton, que estabeleceu exigências e normas rigorosas para capitalização. Junto com a solicitação de uma nova lei para a privatização de todos os bancos, essas mudanças abriram caminho para a entrada de bancos estrangeiros.

Mas a reforma do setor bancário não é tudo. Os bancos estrangeiros, que tendem a financiar expansões por meio de empréstimos concedidos por suas matrizes, geralmente não têm o gosto pelo risco de seus competidores nacionais e, portanto, tendem a buscar garantia de risco político. Na realidade, três dos quatro maiores bancos do país, em termos de participação no mercado, receberam garantia de risco político da MIGA. Os bancos concordam que a cobertura da agência foi fundamental para a liberação de empréstimos por suas matrizes.

O impacto dos bancos estrangeiros no cenário bancário nacional foi muito benéfico, tanto do ponto de vista comercial quanto de desenvolvimento. Os bancos estrangeiros ajudaram a reduzir as taxas de juros, aumentaram a confiança do consumidor no sistema bancário, instituíram uma abordagem de marketing mais agressiva, com ampla gama de serviços, lançaram novas ferramentas, como o leasing, e trouxeram novas maneiras de fazer negócios, tornando os empréstimos acessíveis para o cidadão comum e não apenas para aqueles que tinham conexões.

As taxas de empréstimo, que estavam em torno de 30% em 2000, são agora de 9%, em média. Os bancos estrangeiros aumentaram as opções de financiamento, inclusive os empréstimos de longo prazo para grandes mutuários, que fornecem os principais bens e serviços e geralmente são os maiores empregadores do país. O setor bancário para o público também passou por uma mudança radical, com o rápido crescimento de depósitos e empréstimos.

Os bancos apoiados pela MIGA estão liderando essas mudanças. Com o apoio da MIGA, o Banco Central de Lucros HVB assumiu o comando de um banco nacional falido e atualmente é líder do mercado de novos produtos e serviços. Por exemplo: o banco desencadeou uma enorme demanda com o recente lançamento de um empréstimo pessoal a juros baixos que não requer assinaturas adicionais. Poucas semanas após a divulgação do produto, consumidores ávidos haviam recebido 15 milhões de marcos conversíveis (aproximadamente sete milhões de euros) em novos empréstimos, muito acima da meta do banco.

Os empréstimos pessoais ao consumidor, principal produto da carteira do HVB, tradicionalmente ajudavam a financiar a reconstrução de propriedades danificadas pela guerra. Mas agora a busca por financiamento para a compra de casa própria está aumentando, junto com a atividade de construção de casas novas —um forte condutor do crescimento econômico. Com baixas taxas de inadimplência e aumento da demanda por seus produtos, o banco descobriu uma oportunidade oculta para construir um forte fluxo de receita e, ao mesmo tempo, contribuir para o crescimento e estabilização de uma economia que estava dilacerada apenas alguns anos antes.

As garantias da MIGA também desempenharam um papel fundamental no compromisso do Raiffeisen Zentralbank's com a Bósnia. Quando o banco austríaco investiu pela primeira vez no país, havia poucos bancos em operação. Hoje, o RZB é o maior banco da Bósnia, com dois milhões de marcos conversíveis (KM) em ativos, 424.000 clientes e 66 agências.

Um dos principais clientes do RZB e peça fundamental no dia a dia dos cidadãos de Saravejo, a Gras, empresa de transportes públicos da cidade, que fornece serviços de transporte para quase meio milhão de clientes por dia. Os bens da Gras foram seriamente danificados durante a guerra, um prejuízo na casa dos 100 milhões de KM. O RZB está apoiando a recuperação da empresa e seus planos de modernização, que incluem a substituição contínua de veículos, cuja vida útil é em geral de 10 anos, e o lançamento de ônibus movidos a gás natural, além de mais trilhos para os bondes. Até o momento, a Gras já recebeu do RZB 20 milhões de KM em empréstimos garantidos pela MIGA. "Todos esses projetos são necessários para a cidade de Saravejo", diz Todorovic Predrag, sub-gerente Técnico da Gras. "Esses empréstimos são a única forma de alcançar uma situação sustentável e modernizar a frota."

Devido à nova disponibilidade de crédito comercial e outros serviços bancários, bem como à estabilidade do setor, outras empresas também estão crescendo, aumentando o número de empregos e contribuindo para os cofres públicos, de modo que o país possa continuar a reformular sua infra-estrutura e melhorar seus serviços.

Apesar do forte potencial, o investimento estrangeiro na Bósnia ainda precisa decolar em outros setores. Os investidores indicam impedimentos como um oneroso processo de registro de empresas, uma estrutura normativa complicada e incongruente e altos custos de mão-de-obra. Mas já há importantes reformas em andamento. O país implementará, por exemplo, um novo sistema de imposto sobre o valor agregado em 2006. Ademais, o Banco Mundial está assessorando atualmente o governo em outras reformas que afetam o clima de investimento; está sendo preparado um programa para privatizar os serviços públicos, que são dispendiosos para os usuários finais e aumentam o custo de operação das empresas. Essas reformas, junto com as oportunidades oferecidas por um setor bancário capaz de funcionar plenamente, são passos importantes para o aumento dos investimentos estrangeiros no país.

A história de Moçambique

Esta é uma história relacionada com a capacidade de rápida recuperação e o resgate do espírito empresarial. É um exemplo de como os investimentos externos —e a confiança que essa atividade inspira— podem dar início a uma mudança tangível e duradoura e a melhorias definitivas na qualidade de vida dos cidadãos de um país. Também é a história da MIGA em outro país em transição.

A longa Guerra civil de Moçambique, de 1977 a 1992, é um dos muitos conflitos que deixaram marcas no continente africano. Antes da guerra, Moçambique já era um dos países mais pobres do mundo. O conflito fez com que a expectativa de vida e outros indicadores sociais e econômicos despencassem ainda mais. E todas as atividades econômicas pouco formais que surgissem eram quase totalmente interrompidas. Após a guerra, o novo governo trabalhou ativamente para promulgar novas leis e reformar leis antigas, tornando-se um exemplo com sua rígida obediência à legislação. As mudanças graduais e o aumento da estabilidade política permitiram que os investidores —e o mundo— começassem a ver o país, não somente em termos de um conflito assustador, mas sim do que ele tinha a oferecer. E realmente, Moçambique, com seus recursos naturais abundantes e clima ideal para a agricultura oferece excelentes oportunidades de negócios para os investidores corretos.

Em resumo

MIGA na Bósnia e Moçambique

Desde sua fundação, a MIGA já emitiu 32 garantias, totalizando US$ 335 milhões em cobertura para projetos na Bósnia. O país é o oitavo em termos de garantias da MIGA. O investimento estrangeiro direto no país foi de US$ 438,6 milhões em 2004.

Moçambique é o sexto país em termos de garantia. Até o momento, a MIGA já emitiu 27 contratos para projetos no país, totalizando US$ 423 milhões em cobertura de garantias. O investimento estrangeiro direto no país foi de US$ 337 milhões em 2003.

A minuciosa estruturação de um investimento estrangeiro em um vultoso projeto de fundição de alumínio, conhecido como Mozal, começou a renovar uma economia devastada. A MIGA desempenhou um importante papel no projeto —o maior investimento estrangeiro no país até hoje— fornecendo US$ 40 milhões em garantias para a Industrial Development Corporation of South Africa Ltd. Com a ajuda do Banco Mundial, o projeto foi um importante aviso para outros investidores de que Moçambique não estava apenas aberto para negócios, mas que também oferecia oportunidades comerciais viáveis. Mozal estimulou também o surgimento de uma pequena rede de fornecedores ao oferecer o tipo de apoio social, ambiental e educacional que contribui para o crescimento sustentável e melhor qualidade de vida.

Após o êxito desse projeto contínuo, a MIGA desviou seu foco para outro setor promissor do país. Uma garantia

da MIGA emitida no exercício financeiro de 2001 está ajudando a reabilitar a maior fazenda de cana de açúcar de Moçambique, criando milhares de empregos e gerando significativos benefícios econômicos e sociais na região subdesenvolvida de Marromeu. A MIGA concedeu garantia de investimento no valor de US$ 65 milhões ao "Grupo Sena" —um consórcio de empresas mauricianas— e à Industrial Development Corporation of South Africa Ltd., garantindo seus investimentos de capital, o contrato de gestão e assistência técnica e o empréstimo para o projeto.

O projeto, localizado no Rio Zambezi, compreende a recuperação e gestão da antiga Fábrica de Açúcar Sena, seriamente prejudicada durante a guerra civil. Até o momento, o investimento proporcionou o processamento de quase 750.000 toneladas de cana de açúcar por ano, tanto para o mercado interno quanto estrangeiro.

O projeto é uma das maiores tarefas de desenvolvimento econômico e importante empregador no norte de Moçambique, que sempre atraiu pouco FDI. O projeto trouxe grandes benefícios para a comunidade local e para o país. A empresa emprega atualmente 5.000 pessoas, das quais mais da metade trabalha em regime de emprego permanente de tempo integral. Vários benefícios sociais fizeram uma diferença fundamental para os residentes locais, inclusive a elevação das rendas, o que permite que os residentes mandem seus filhos à escola, melhorem suas moradias e comprem bicicletas. Os empregados podem beneficiar-se também de uma pequena clínica patrocinada pela Sena, enquanto o hospital próximo, em Beira, recebe água, eletricidade, equipamentos e remédios gratuitamente da empresa. A própria Sena construiu uma usina hidrelétrica para a comunidade, trouxe seu próprio gerador de eletricidade e construiu a refinaria. O investidor também recuperou uma escola que opera em três turnos, 24 horas por dia, para acomodar três turmas separadas. Os prédios que não são utilizados pela empresa são fornecidos gratuitamente para outras entidades, inclusive uma ONG que administra um orfanato para órfãos do HIV. A Sena continua a realizar todos os reparos e toda a manutenção.

Essa é apenas uma pequena parcela do compromisso contínuo da MIGA com Moçambique, onde as garantias da agência protegem investimentos em diversos setores, inclusive mineração, petróleo e gás, manufatura, agronegócios, turismo, infra-estrutura e serviços financeiros.

A MIGA também ajuda o país a comercializar suas oportunidades de investimento. Por exemplo: a MIGA está apoiando o Centro de Promoção de Investimentos de Moçambique em seu trabalho para atrair o investimento estrangeiro direto e fortalecer os vínculos com a comunidade de negócios local. A agência está prestando seu apoio de várias formas: fornecendo assessoramento à implementação de uma zona franca, fazendo uma

revisão no setor de turismo e realizando uma análise comparativa de empresas.

Hoje, a vida dos moçambicanos está melhorando, um tributo à sua capacidade de rápida recuperação e seu vigor, bem como ao impacto positivo do incentivo aos investimentos e ao sério investimento estrangeiro, elaborado com atenção nas necessidades de negócios do investidor e nas prioridades de desenvolvimento do país.

Afeganistão: Reconstruindo uma nação e sua infra-estrutura

Se pedirmos aos investidores para fazerem uma lista dos países com o maior potencial de investimento, Afeganistão, assolado por décadas de guerras e conflitos, provavelmente não aparecerá nessa lista. Afinal, grande parte da infra-estrutura do país foi destruída. Continuam a existir incertezas políticas. Os mercados financeiros estão em estado embrionário. E o contexto jurídico e normativo para apoiar uma economia em bom funcionamento está apenas começando a aparecer. Agora, com o difícil trabalho de reconstrução da economia ainda em fase inicial, a MIGA está desempenhando um papel crítico em uma abordagem em etapas, em estreita colaboração com outras partes do Banco Mundial.

Para estimular mais investimentos, a MIGA está focando a implementação de mudanças que tornarão o país mais atraente do ponto de vista do investidor privado. A MIGA está trabalhando com a Agência Afegã de Apoio a Investimentos para ajudar a formular sua capacidade de trabalhar com eficácia com investidores estrangeiros, enfatizando a comercialização de oportunidades de investimento nos setores-alvo. Os esforços buscam identificar hiatos nas políticas onde sejam necessárias novas leis ou reformas normativas capazes de melhorar o clima de negócios. Todas essas iniciativas estão voltadas para atrair o tão necessário investimento na infra-estrutura industrial e outras áreas. A orientação da MIGA também está proporcionando aos funcionários do governo afegão um plano com os tipos de incentivos que seriam mais eficazes para atrair os investimentos apropriados.

Essa assistência técnica complementa um novo mecanismo de garantia de investimentos destinado a ajudar a cobrir o hiato entre o desejo dos investidores de aproveitar as oportunidades de negócio do país e suas preocupações com os riscos políticos. O Mecanismo de Garantia de Investimentos no Afeganistão, administrado pela MIGA, atenuará os principais riscos para os investidores estrangeiros por intermédio do fornecimento de garantia contra o risco político para seus investimentos, ao mesmo tempo em que estimulará parcerias com empresas nacionais.